

A LIBERDADE HUMANA COMO PARTE DA ESPONTANEIDADE DA NATUREZA

Marcos Beck Bohn*

Resumo: Este artigo se dedica a uma aproximação entre os conceitos de Acaso peirciano e de Livre-arbítrio bergsoniano. Destaca-se o caráter ontológico do Acaso peirciano, princípio incondicionado da “viva espontaneidade” da natureza. Bergson, por sua vez, ao descrever um ato livre humano e subjetivo, fala no “impulso irresistível” que constitui “a melhor das razões” na tomada de uma decisão. Considerando-se que tal modo de agir poderia ser caracterizado como espontâneo, pondera-se se haveria aí uma similaridade entre o Acaso peirciano e o Livre-arbítrio bergsoniano. A liberdade humana, assim, sugere-se ser parte integrante da espontaneidade da natureza, e com ela condizente.

Palavras-chave: Acaso. Livre-arbítrio. Liberdade. Espontaneidade. Sentimento.

THE HUMAN FREEDOM AS PART OF THE SPONTANEITY OF NATURE

Abstract: This article is dedicated to an approximation between the concepts of Peircean Chance and Bergsonian Free Will. The ontological character of Peircean Chance, as the unconditioned principle of the “living spontaneity” of nature, is highlighted. Bergson, in turn, when describing a human and subjective free act, speaks of the “irresistible impulse” that constitutes “the best of reasons” in making a decision. Considering that such a mode of action could be characterized as spontaneous, it is pondered if there would be a similarity between Peirce's Chance and Bergsonian Free Will. Human freedom, therefore, is suggested to be part of nature's spontaneity, and with it befitting.

Keywords: Chance. Free Will. Freedom. Spontaneity. Feeling.

1. Introdução

É notória a importância que Bergson dá ao conceito de liberdade – *liberdade* em um sentido essencial, mesmo ontológico, e não determinista. Tal entendimento está

* Jornalista, mestre em Comunicação e Semiótica e doutorando em Filosofia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: marcosbohn@hotmail.com.

presente ao longo de sua obra magna, *A evolução criadora*, como subsídio para a visão que apresenta do surgimento da vida e de entes dotados de intelecto e consciência. Por incompleta que considere a evolução da natureza, o pensamento bergsoniano dá claramente a entender que toma o ser humano como um ápice de tal processo evolucionário. É o que se poderia observar ao ter também em conta o mais inicial *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*, em que Bergson disserta especificamente acerca da liberdade humana – e de tentativas que buscam espacialmente compreendê-la, sendo na verdadeira duração que alguma compreensão poderia ser vislumbrada. Mais ainda, o incondicionado *esforço criador* da natureza parece encontrar na *livre ação humana*, conforme a concebe Bergson, uma de suas mais elaboradas e genuínas manifestações.

Tal perspectiva não é de modo algum estranha a este artigo, mas o paralelo com outro autor, Peirce, parece permitir reputar a plena liberdade humana como apenas mais uma entre as possíveis manifestações de uma incondicionalidade universal. Enquanto Bergson busca vigorosamente a passagem de um pensamento quantitativo para uma abordagem capaz de adentrar o contínuo fluxo do devir, Peirce parte de uma tal abordagem transcendente – portanto, metafísica – para apresentar sua compreensão do que chama de *espontaneidade da natureza*. Fala-se aqui do Acaso como um dos princípios (em conjunto com a Existência e a Lei) a compor o todo da *realidade* – da qual os seres humanos são, de fato, destacada parte constituinte. Assim, a seu modo, Peirce dispõe a personalidade de cada um de nós como um contínuo particular e igualmente não determinista de onde é possível que emerjam atos previamente desconhecidos – e, mantendo à tona o paralelo com Bergson em que se funda a presente discussão, livres.

Antes de efetivamente iniciá-la, porém, é necessária uma menção a questões de linguagem (tão caras a Bergson, como também a Peirce). Mesmo rogando uma transcendência da visão mecânica do movimento a que estamos habituados, Bergson não se mostra contrário ao automatismo das práticas recorrentes do dia a dia. Ações reguladas pelo hábito, diria-se em termos peircianos. Como mais à frente será ressaltado, para Bergson, há *graus* de liberdade em cada ação empreendida. À própria

ação que requer uma decisão específica (entre diferentes opções) pode incidir um grau, em certa medida, restrito de liberdade. Ainda assim, é o termo *liberdade* que Bergson costuma utilizar ao se referir a tais processos de escolha do cotidiano dos seres humanos.

Não obstante, por razões que se investiga, na tradução para o inglês do original em francês do *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*, trabalho revisado pelo próprio Bergson, filho de mãe inglesa que era, a palavra *liberdade*, quando em tal sentido mais individual, surge majoritariamente, se não exclusivamente, como *livre-arbítrio*. A ponto de a expressão aparecer no título acrescido à edição em inglês do *Ensaio...: Time and free will*. Assim, mesmo que com a consulta aos originais em francês, segue-se aqui a opção, referendada por Bergson, de utilização do termo *livre-arbítrio*. Se também uma forma de liberdade, parece ser apropriado considerar e compreender o livre-arbítrio como, igualmente, admitindo graus – condição e semelhança que a leitura das ideias brevemente apresentadas a seguir solicita considerar.

2. Acaso, espontaneidade e sentimento

A questão apresentada por Peirce é direta, e a resposta dada por ele mesmo introduz com elevada clareza o ponto que inicialmente enseja a estruturação deste artigo:

Pode a operação de uma lei criar diversidade onde ela antes não existia? Obviamente, não; sob dadas circunstâncias, a lei mecânica prescreve um resultado determinado. Eu poderia facilmente prová-lo pelos princípios da mecânica analítica. Mas isso é desnecessário. Vocês podem notar por si mesmos que lei prescreve resultados semelhantes sob circunstâncias semelhantes. Isto é o que a palavra lei implica. Por conseguinte, toda esta exuberante diversidade da natureza não pode ser resultado da lei.¹⁹³

¹⁹³ CP, 1.161 apud Ibri, I. *Kósmos noetós*, p. 64. Segue-se a notação canônica dos *Collected Papers* de Charles S. Peirce, onde o primeiro número da referência indica o volume e o segundo indica o parágrafo.

A exuberância da variedade a que Peirce se refere permite que se considere haver uma aleatoriedade ontológica nas manifestações fenomênicas da natureza, como ele de fato propõe. Ou seja, a indeterminação e a incondicionalidade verificáveis nos eventos do mundo e do universo vai muito além de nossa eventual incompreensão epistemológica. Está aberto o espaço para a introdução do conceito de Acaso na metafísica peirciana – nunca, entretanto, de modo determinista:

Como *princípio*, ele é um modo de ser correlacionado com a irregularidade e a assimetria atinentes com o que está *imediatamente* presente nos fatos. [...] A este modo de ser, que confere liberdade para o ato de cada particular, denominamos Acaso¹⁹⁴.

Embora o Acaso não deva ser confundido com qualquer ação em particular, e menos ainda com a ação de um qualquer particular, pois é princípio e não fato, salta aos olhos uma aparente similaridade com a descrição daquilo que Bergson chama de *ato livre*. Considerando uma ação humana plena em subjetividade, como aquelas que parecem impensadas ou que manifestam repentina mudança de ideia diante daquilo que até então se deliberava, faz Bergson o seguinte comentário:

É o *self* mais profundo se lançando à superfície. É a crosta externa [do ego] se rompendo, repentinamente dando passagem a um impulso irresistível. [...] Desejamos saber a razão por que decidimos, e descobrimos que decidimos sem qualquer razão, e talvez contra todas as razões. Mas, em certos casos, esta é a melhor das razões¹⁹⁵.

Seria adequado utilizar a palavra *espontaneidade* para descrever ação que se encaixe no entendimento de Bergson para um ato livre? Se sim, parece adquirir embasamento o paralelo aqui proposto. Veja-se o termo escolhido por Peirce para dizer o que vê quando olha para a natureza:

A interminável variedade do mundo não tem sido criada pela lei. Não é da natureza da uniformidade originar variação, nem da lei criar circunstância. Quando contemplamos a multiplicidade da natureza,

¹⁹⁴ Ibri, I. *Kósmos noetós*, p. 67, grifos no original.

¹⁹⁵ Bergson, H. *Time and free will*, p. 169-70, tradução nossa.

nós estamos olhando diretamente na face de uma viva *espontaneidade*¹⁹⁶.

Peirce nos auxilia ainda ao definir *o que entende* por espontaneidade: “Agora, o que é espontaneidade? É o caráter de não resultar, por lei, de algo antecedente”¹⁹⁷. E auxilia ainda mais ao *unir* acaso e espontaneidade:

Onde quer que o acaso-espontaneidade esteja presente, lá existe, na mesma proporção, o sentimento. Na realidade, o acaso nada mais é do que o aspecto externo daquilo que, em si mesmo, é sentimento¹⁹⁸.

Por que se argumenta que Peirce nos auxilia? Porque, para Bergson, o sentimento individual de um sujeito é muito mais amplo e complexo do que a palavra que o designa, não podendo sequer ser compartimentado em segmentos divisíveis e contáveis. Cada sentimento, se observado adequadamente, conterà o todo da personalidade do sujeito a cada momento:

Estes sentimentos, desde que forem fundo o suficiente, compõem cada um o todo da alma, uma vez que todo o conteúdo da alma é refletido em cada um deles. [...] E a manifestação externa deste estado interno será justamente o que é chamado de ato livre, uma vez que o *self* sozinho terá sido o autor do ato, e uma vez que expressará o todo do *self*. A liberdade, assim entendida, não é absoluta, como uma filosofia radicalmente libertária a teria; ela admite graus¹⁹⁹.

2. 1 Espontaneidade possível e liberdade individual

Haveria, contudo, um limite para a amplitude da espontaneidade do ato livre humano e particular? É o que se poderia conjecturar diante da explicação de Bergson de por que a ação espontânea, em sua aparente imprevisibilidade e irreflexão, pode conter a melhor das razões:

¹⁹⁶ CP, 6.553, tradução e grifo nossos.

¹⁹⁷ CP, 1.161, tradução nossa.

¹⁹⁸ CP, 6.265 apud Ibri, I. *Kósmos noetós*, p. 467.

¹⁹⁹ Bergson, H. *Time and free will*, p. 165-6, tradução nossa.

Porque a ação que foi executada não expressa então alguma ideia superficial, quase externa a nós mesmos, distinta e fácil de explicar: ela concorda com o todo de nossos mais íntimos sentimentos, pensamentos e aspirações, com a concepção particular de vida que é o equivalente de toda nossa experiência passada, em uma palavra, com nossa ideia pessoal de felicidade e de honra²⁰⁰.

O que se pondera é que, se o ato livre individual é de alguma forma condizente com a vivência tida até então pelo indivíduo, seria esta experiência pretérita, em algum nível, uma forma de constrição da espontaneidade? A indeterminação do Acaso peirciano, afinal, conforme ressalta Ibri²⁰¹, contempla o nível ontológico, não apenas epistêmico. O conjunto formado pelo que a pessoa considera como essência da felicidade e da honra e por sua experiência passada situariam-se como base *conceitual* ou *ontológica* do ato livre bergsoniano? A ideia da liberdade plena é trazida à tona por Peirce quando expõe seu entendimento sobre o *nada* que havia quando do surgimento do universo, talvez maior manifestação do Acaso como princípio que possamos alguma vez considerar:

Não há nenhuma coisa individual, nenhuma compulsão, externa ou interna, nenhuma lei. É o nada germinal, no qual todo o universo está envolvido ou prenunciado. Como tal, é possibilidade absolutamente indefinida e ilimitada – possibilidade sem limites. Não há nenhuma compulsão e nenhuma lei. É liberdade sem limites. Então, de ser potencial não havia, naquele estado inicial, falta alguma²⁰².

Evite-se o raso jogo de palavras, mas é contundente observar que Peirce coloca o universo de que hoje somos parte como *um possível* contido naquilo que havia antes de seu próprio surgimento. Assim como Bergson enxerga na ruptura da camada mais superficial do ego a liberação, para o exterior da existência, daquilo que é da essência do indivíduo. Seria esta a similaridade definitiva entre a espontaneidade do Acaso e do Ato Livre humano, já que esse, como aquele, só pode se manifestar externamente a

²⁰⁰ Bergson, H. *Time and free will*, p. 170, tradução nossa.

²⁰¹ Ibri, I. *Kósmos noetós*, p. 74.

²⁰² CP, 6.217, tradução nossa.

partir daquilo que contém, internamente, como possibilidade? Se sim, parece haver alguma sustentação na equivalência entre ambos.

3. De potência interna à ação externa

Estando contido no particular que age livremente aquilo que por sua manifestação externa conhecemos, e sendo tal particular um ente qualquer da natureza, poderia-se perguntar se outra ação teria sido possível – e mesmo se outro universo teria sido possível. Pode-se perguntar, mas não se pode saber. Com efeito, tal pergunta parece se afastar dos conceitos até agora expostos. Sendo ontológica, a indeterminação do Acaso não permite que se percorra, antecipadamente, uma trajetória epistemológica que ainda não foi em sua própria existência percorrida. Só assim, após ter havido como percurso dos fatos, será possível saber que fora alguma vez possível. “Uma potencialidade que não se faz ato é algo que se autoaniquilia”²⁰³. Nas palavras do próprio Peirce:

A lógica da liberdade, ou potencialidade, é aquela que anulará a si mesma. Pois se ela não se autoanular, ela permanece completamente inútil, uma potencialidade do nada-fazer, e uma potencialidade completamente inútil é anulada pela sua completa inutilidade²⁰⁴.

É necessário que haja *alguma* ação para que se manifeste a liberdade conferida pelo Acaso ao ato dos particulares. Trazendo novamente a questão para a esfera da ação humana individual, na dúvida entre dois caminhos, é preciso que algum seja escolhido. À pergunta sobre a viabilidade de preliminarmente saber qual seria o ato livre, e isso depois da escolha feita e do ato já praticado, ou sobre se algum outro teria ainda sido possível, assim se contrapõe Bergson:

Certamente, uma vez que o ato final está completado, posso atribuir a todos os antecedentes seu valor adequado, e representar corretamente

²⁰³ Ibri, I. *Kósmos noetós*, p. 112.

²⁰⁴ CP, 6.219 apud Ibri, I. *Kósmos noetós*, p. 112.

a dinâmica desses vários elementos como um conflito ou uma composição de forças. Mas perguntar se, sendo os antecedentes conhecidos e também o seu valor, alguém poderia predizer o ato final, é cometer um círculo vicioso; é esquecer que não podemos saber o valor dos antecedentes sem conhecer o ato final, que é a própria coisa ainda não conhecida [...]²⁰⁵.

Parece estar outra vez delineada uma similaridade entre o Acaso peirciano e o Livre-arbítrio bergsoniano, pois para conhecer os antecedentes (ontológicos e não-deterministas) de um qualquer ato livre de algum particular (humano ou não), é preciso que esse ato passe de potência interna à ação externa, fazendo de sua potencialidade algo útil e que se autoinstitui (em oposição ao autoaniquilamento da potência que como pura potência permanece).

4. Espontaneidade, diversidade incondicionada

É afinal de alguma forma de *criação, do surgimento daquilo que antes não havia*, que se fala:

Em suma, nós somos livres quando nossos atos florescem do todo de nossa personalidade, quando eles a expressam, quando eles possuem aquela semelhança indefinível com ela, a mesma que às vezes se encontra entre o artista e seu trabalho²⁰⁶.

Sendo, é claro, a criação artística exclusividade da ação humana, tendo portanto o livre-arbítrio como um de seus requisitos, Bergson se dedicará em momento posterior de sua obra à evolução e à vida em geral²⁰⁷. Não obstante, amplie-se o escopo da ideia bergsoniana da liberdade de *ser livre* para além da ação humana. Desse modo, assim como parece razoável transitar do Acaso peirciano para o Livre-arbítrio bergsoniano, ao se pensar no *ser* como um *qualquer ente particular* da natureza, talvez seja também viável encontrar, refazendo em sentido inverso o percurso epistemológico proposto,

²⁰⁵ Bergson, H. *Time and free will*, p. 190, tradução nossa

²⁰⁶ Bergson, H. *Time and free will*, p. 172, tradução nossa.

²⁰⁷ Cf. Bergson, H. *Creative evolution*.

algum elemento do subjetivo Livre-arbítrio de Bergson no princípio do Acaso ontológico de Peirce:

Podemos agora formular nossa concepção de liberdade. Liberdade é a relação do ser concreto com o ato que ele pratica. Esta relação é indefinível, apenas porque nós *somos* livres²⁰⁸.

Indefinível é a relação do ser que age de forma livre com o ato de plena liberdade que pratica, assim como é indeterminável no que redundará a liberdade conferida pelo Acaso aos fatos do mundo. É ainda de manifestações espontâneas que se fala, a revelarem para fora aquilo que leva por dentro o ente que as manifesta:

Não sendo produto do *continuum* espaçotemporal de uma lei, as singularidades devem estar associadas a um princípio de espontaneidade que cria qualidades múltiplas, diversidade, distantes de qualquer necessidade lógica. O Acaso é esse princípio que, sob o ponto de vista lógico, constitui um *continuum* de possibilidades pelo seu lado interno, cujo lado externo, suas réplicas, fenomenologicamente se apresentam como irregularidades, ou descontinuidades²⁰⁹.

Na seara do que é ontológico, parecem estar apresentados os aspectos epistemológicos fundamentais de um possível paralelo entre o Livre-arbítrio bergsoniano e o Acaso peirciano.

5. Personalidade disposta ao novo

Considera-se imperioso ressaltar, entretanto, como nota final, que se tangencia significativa especificidade humana, aquela que envolve precisamente nossos *sentimentos*. Não se desconsidere também que o Acaso foi definido como o lado externo daquilo que é em si mesmo sentimento²¹⁰. Por epistemológica e

²⁰⁸ Bergson, H. *Time and free will*, p. 219, tradução nossa, grifo no original.

²⁰⁹ Ibri, I. The double face of habits: time and timeless in pragmatic Experience, p. 463.

²¹⁰ Cf. CP, 6.265. Vide citação à p. 4.

ontologicamente livre que seja o nosso agir, pode estar psicologicamente atrelado – e mesmo ser determinado – por sentimentos que nos conduzem, e sem que sequer o saibamos, em plena manifestação daquilo que Ibrí condensa como

[...] o difícil conflito entre o que tem forma lógica e o que absolutamente não tem – os sentimentos, que em sua imediatidade subvertem um desenho desejado, muitas vezes irrealizável, de conduta futura. Permita-se dizer, apenas de forma marginal: que ciência difícil a psicanálise!²¹¹

Caberá a cada pessoa em particular saber, ou tentar saber, se assim lhe interessar, se age livremente. “Onde não há lei, não há constrição”²¹². Por outro lado, é instigante observar que o entendimento de Peirce para a personalidade humana contempla manifestações futuras que são *determinadas* pela personalidade e, concomitantemente, por ela *previamente ignoradas*. Tida inicialmente por ele como uma *coordenação ou conexão de ideias* (depois redefinida como um *feixe de hábitos*), o próprio Peirce elucida o uso da palavra *coordenação* no definir da personalidade:

[O termo] implica uma harmonia teleológica nas ideias, e no caso da personalidade esta teleologia é mais que uma mera busca intencional de um fim predeterminado; é uma teleologia em desenvolvimento. [...] *Uma ideia geral, viva e consciente agora, é já determinante de atos no futuro em uma extensão que ainda não é consciente agora*²¹³.

Parece ser possível depreender que é também através de atos que a personalidade se apresenta à existência. Atos, por sua vez, não todos condicionados e não todos apartados de certa imprevisibilidade futura. Se assim não fosse, estaria eliminada a possibilidade de qualquer desenvolvimento, como destaca Colapietro ao expor a concepção peirciana de personalidade, ressaltando ainda seu caráter de continuidade:

²¹¹ Ibrí, I. The double face of habits: time and timeless in pragmatic Experience, p. 467.

²¹² Ibrí, I. *Kósmos noetós*, p. 110.

²¹³ CP, 6.156 apud Colapietro, V. *Peirce's approach to the self*, p. 76, tradução e grifo nossos.

Como uma ideia geral (uma ideia conectando outras ideias), a personalidade individual não é uma entidade discreta, mas um ser contínuo. [...] Mesmo assim, ela é presente e viva em cada intervalo infinitesimal de sua própria experiência efetiva. Mas uma vez que a personalidade é *essencialmente* temporal, não é somente sempre incompleta, mas também inerentemente irrealizável: dada a duração finita da existência humana, nenhuma pessoa alguma vez alcança plenamente quem é. Não obstante, a incompletude essencial da pessoa não impede a presença viva da pessoa em qualquer momento efetivo da existência finita. A pessoa é, em alguma medida, realizada *no presente* e, em bem mais ampla medida, não realizada no curso de sua vida²¹⁴.

Ainda que não venha alguma vez a alcançar a plenitude de suas próprias possibilidades, considera-se que a pessoa possui, no contínuo de sua personalidade presentificada em um existir temporal, uma abertura para o novo. Uma abertura para a ação que, mesmo oriunda e, por assim dizer, condizente com a continuidade de onde emerge, não fora antecipada sequer pela personalidade própria que age. Apesar de seu papel determinante nos atos futuros, a extensão da influência da personalidade não é possível de ser previamente conhecida, sendo preciso que se viva para alguma vez saber qual vida era possível.

É cedo para afirmar que podem estar aí novamente o Acaso e o Livre-arbítrio. Não obstante, se neste *agir futuro que se desconhece* houver relação entre (1) a manifestação do Acaso peirciano como descontinuidade fenomênica²¹⁵ e (2) o Ato Livre bergsoniano como manifestação do todo da personalidade do ser existente²¹⁶, talvez haja de fato uma consonância da elaboração de Peirce para a pessoa com o paralelo (aqui sugerido) entre Acaso e Livre-arbítrio. Inclusive porque, conforme destacado por Colapietro, Peirce vê o *self*, a pessoa, como “um centro de propósito e poder”²¹⁷. Bergson, por sua vez, não deixa de ressaltar que “é o todo da alma [...] que dá origem à

²¹⁴ Colapietro, V. *Peirce's approach to the self*, tradução nossa, grifos no original.

²¹⁵ Cf Ibri, I. The double face of habits: time and timeless in pragmatic Experience, p. 463. Vide citação à p. 8.

²¹⁶ Cf Bergson, H. *Time and free will*, p. 172 e 219. Vide citações à p. 7.

²¹⁷ Colapietro, V. *Peirce's approach to the self*, p. 74 e 79.

decisão livre”²¹⁸. Assim, o pleno usufruir e desfrutar da liberdade humana pode bem ser uma manifestação da espontaneidade da natureza, e com ela condizente.

BIBLIOGRAFIA:

BERGSON, Henri. *Essai sur les données immédiates de la conscience*. 144^e ed. Paris: Les Presses Universitaires de France, 1970 [1888].

BERGSON, Henri. *L'évolution créatrice*. 4^e ed. Paris: Félix Alcan, 1908.

BERGSON, Henri. *Creative evolution*. Translation by Arthur Mitchell. Middletown, Delaware: Forgotten Books, 2012 [1911].

BERGSON, Henri. *Time and free will: an essay on the immediate data of consciousness*. Translation by F. L. Pogson. 3rd ed. Mineola, New York: Dover, 2001 [1913].

BERGSON, Henri. *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*. Tradução de João da Silva Gama. Lisboa: Edições 70, 1988.

BERGSON, Henri. *A evolução criadora*. Tradução de Adolfo Casais Monteiro. São Paulo: UNESP, 2010.

COSTA, Rogério da. A noção de hábito em Espinosa e Peirce. *Cognitio*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 221-236, jul./dez. 2016.

COLAPIETRO, Vincent. *Peirce's approach to the self*. Albany: State University of New York, 1989.

IBRI, Ivo A. A dimensão ontológica do conceito de ação na filosofia de Charles S. Peirce. In: BROENS, Mariana C.; MORAES, José A.; SOUZA, Edna A. (orgs.). *Informação, complexidade e auto-organização: estudos interdisciplinares*. Campinas: UNICAMP, 2015a, p. 223-238. (Coleção CLE, v. 73.)

IBRI, Ivo A. *Kósmos noetós: a arquitetura metafísica de Charles S. Peirce*. São Paulo: Paulus, 2015b.

IBRI, Ivo A. The double face of habits: time and timeless in pragmatic experience. *Rivista di Storia della Filosofia*, Milano, n. 3, p. 455-474, 2017. Tradução do autor.

PEIRCE, Charles Sanders. *The collected papers of Charles Sanders Peirce*. Edited by Charles Hartshorne, Paul Weiss, and Arthur W. Burks. Cambridge, Massachusetts:

²¹⁸ Bergson, H. *Time and free will*, p. 167.

Harvard University Press, 1931-35 e 1958. 8 v. Disponível em: <https://www.4shared.com/document/oRnzQCug/The_Collected_Papers_of_Charle.htm>. Acesso em 11 jul. 2017. [Citado CP, número do volume e número do parágrafo.]

PEIRCE, Charles Sanders. *Writings of Charles S. Peirce: a chronological edition*. Vol. 1. Edited by Max Fisch, Christian Kloesel, Edward Moore et. al. Bloomington: Indiana University Press, 1857-1866.

PEIRCE, Charles Sanders. *The essential Peirce: selected philosophical writings*. Vol. 2. Edited by Nathan Houser, Jonathan Eller, André De Tienne et. al. Bloomington: Indiana University Press, 1893-1913.

Bibliografia complementar

BERGSON, H. *Matter and memory*. Translation by Nancy M. Paul and W. Scott Palmer. Mineola, New York: Dover, 2004 [1912].

BERGSON, H. *Matière et mémoire: essai sur la relation du corps à l'esprit*. 72^e ed. Paris: Les Presses Universitaires de France, 1965 [1939].

BERGSON, H. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. 2^a ed. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BERGSON, H. *The creative mind: an introduction to metaphysics*. Translation by Mabelle L. Andison. Mineola, New York: Dover, 2007 [1946].

COSTA, Rogério da. *O autômato digital e os circuitos de afetos nas redes sociais: uma análise do conceito de autômato espiritual no cinema em Deleuze e seus desdobramentos nas interfaces digitais*. São Paulo, 2019. No prelo.

DAMÁSIO, António. *O livro da consciência: a construção do cérebro consciente*. Lisboa: Temas e Debates, 2010.

EDELMAN, Gerald M. *Bright Air, Brilliant Fire: on the matter of the mind*. New York: BasicBooks, 1992.

FREUD, Sigmund. *O eu e o id, "autobiografia" e outros textos*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

IBRI, Ivo A. The Heuristic Exclusivity of Abduction in Peirce's Philosophy. In: FABBRICHESI, R.; MARIETTI, S. (eds.). *Semiotics and Philosophy in C. S. Peirce*. Cambridge: Cambridge Scholars Press, 2006.

SANTAELLA, Lucia; VIEIRA, Jorge de Albuquerque. *Metaciência: uma proposta semiótica e sistêmica*. São Paulo: Mérito, 2008.

SILVEIRA, Lauro Frederico Barbosa da. *Curso de semiótica geral*. São Paulo: Quartier Latin, 2007.